

O NAVIO DOS EMIGRANTES NO OCEANO DA LITERATURA

Moacyr Scliar

No princípio era a palavra. Para o judaísmo, o texto escrito é fundamental. Outras culturas deixaram monumentos grandiosos; o judaísmo antigo legou à posteridade um livro. Mas que livro. Um livro que atravessou os milênios como mensagem ética e religiosa, mas também como um conjunto de soberbas narrativas. Mais que isto transformou-se, para um grupo humano constantemente perseguido e escorraçado numa verdadeira pátria portátil. No texto, o judaísmo sobreviveu. O que explica a admiração – admiração, não, reverência – dos judeus pelos livros. Podia faltar qualquer coisa numa casa judaica, mas não podiam faltar livros.

Isto era particularmente verdade no caso dos emigrantes. Em fins do século dezenove e começos do século vinte milhões de judeus atravessaram o oceano, nos navios de emigrantes que Lasar Segall tão bem retratou. Deixavam para trás uma Europa convulsionada pela crise econômica, pelos conflitos étnicos e políticos, pela guerra. iam em busca da América, aquela América que dizia, segundo os versos de Emma Lazarus gravados no pedestal da Estátua da Liberdade: “Dá-me teus exaustos, teus pobres/ tuas confusas massas que por ar livre anseiam.” No Novo Mundo, que ajudaram a construir, deram uma contribuição cultural importante, expressa também na literatura.

Em relação à expressão literária referida à emigração, podemos distinguir três períodos ou, grosso modo, três gerações. A primeira geração é aquela que chega ao país. Sua prioridade maior é sobreviver, encontrar um lugar ao sol. Além disto, não domina o idioma do país; quando faz literatura, é ainda na “mame loschen”, o iídiche, o que reduz obrigatoriamente o seu público.

A segunda geração, a geração dos filhos dos emigrantes, é que será a grande geração literária. A essa altura, as famílias já estão instaladas, já superaram o desafio da sobrevivência. Os

filhos foram à escola, aprenderam a ler e a escrever corretamente. Finalmente, e esta é uma das motivações principais, vivem um conflito com seus pais, um conflito que é psicológico, mas é também cultural, resultante do choque entre as muito diferentes realidades que os jovens vivem em casa e na rua. Este conflito leva-os à militância política, ou ao divã do analista, ou – uma possibilidade que não exclui as outras duas – ao texto. O exemplo dos Estados Unidos é eloquente: ali temos um Saul Bellow, um Philip Roth, uma Cynthia Ozick. Escritores que se celebrizaram não apenas pela pungência de seus textos, como também pelo extraordinário domínio do idioma, um domínio de idioma que chega facilmente ao virtuosismo. É como se quisessem dizer aos antigos donos da terra e das riquezas: nós também podemos escrever no idioma de vocês.

Nos Estados Unidos e no Canadá, no Brasil e na Argentina, esses escritores celebraram a odisséia da emigração. Neste sentido, sua contribuição é mais do que literária. O emigrante é, frequentemente, uma figura menosprezada. Mas o olhar do emigrante sobre a realidade local é um olhar privilegiado, para dizer o mínimo. Ele vê coisas que passam despercebidas, não apenas em termos de conflitos como de oportunidades. É assim que graças, ao emigrante judeu, o cinema norte-americano – desprezado pelos aristocratas – transformou-se numa grande indústria cultural. Mas do olhar do emigrante nasce também indignação diante da injustiça, da desigualdade.

Deste olhar resulta a matéria prima para a criação literária. É uma literatura à parte, esta? Certamente. Ela pode ser identificada pela temática: uma literatura que fala do bairro judaico, seja este bairro o Lower East Side ou a Praça Onze ou o Bom Retiro ou o Bom Fim, em Porto Alegre. Fala de personagens típicos: o pai que é vendedor a prestação ou pequeno comerciante, ou pequeno industrial; a mãe, superprotetora, ansiosa, alimentadora; e finalmente, os filhos, mimados ou revoltados, mas, para os pais, sempre talentosos, sempre insuperáveis: meu filho, o

doutor. Meu filho, o engenheiro. Meu filho... o escritor? Bem, aí cabe uma interrogação. Livros são bons para ler, mas ganhar a vida com eles... Filho, é duro, é muito duro.

Mesmo quando o cenário não é judaico, mesmo quando os personagens não são judaicos, o estilo, o “tam” para usar uma expressão característica, é judaico. É uma literatura que incorpora, de alguma maneira, o modo de narrar judaico, aquele “nigun” tão típico das historietas. E incorpora, sobretudo, o humor, um humor amargo, melancólico, o humor de que ri (ou melhor: sorri) para não chorar. Clarice Lispector é um exemplo soberbo. Não há temática judaica, em sua ficção, mas o estilo judaico lá está, como uma secreta mensagem contida nas entrelinhas.

Falamos em duas gerações. E a terceira? Bem, aí está a incógnita. O que temos é uma geração que enfrenta, claro, muitos problemas – mas são os problemas da classe média em geral, não os problemas do judaísmo em particular. Esta geração deverá decidir o que fará com a herança cultural de seus pais e avós. O que importa é que esta herança está aí. É um admirável patrimônio cultural, uma das cargas mais preciosas trazidas pelo navio dos emigrantes.